

# MAURICIO DE ABREU EM MUITAS CENAS

**MARIA ENCARNAÇÃO BELTRÃO SPOSITO**

Universidade Estadual Paulista  
Câmpus de Presidente Prudente  
mebsposito@gmail.com

Os momentos de partida são, no geral, aqueles em que uma sequência de cenas dança em nossa memória, simultaneamente de modo profundo e fugaz, como se tivéssemos alguma capacidade de reter o melhor antes da despedida.

A partida tão precoce de Mauricio Abreu me levou a essa retrospectiva, revelando todas as ambiguidades que caracterizam essas experiências: só havia cenas que eu queria guardar, nada a ser esquecido, tudo a ser lembrado (impossível!), apesar da sensação tão forte que a sua morte trazia.

As cenas voltaram e voltam, muitas vezes, como se me fosse possível manter a sua amizade sem ele estar por este mundo; absorver um pouco da sua personalidade sem conviver alguns anos mais; reavivar entre nós sua postura ética, num período em que esse valor perde importância; permanecer com essas lembranças que, de algum jeito, podem ajudar a amenizar a perda.

Neste depoimento, registro algumas cenas para retratar as ricas experiências que foram vividas, mas o faço na ordem como os acontecimentos foram percebidos por mim, o que, neste caso, não coincide com a sequência deles mesmos no tempo.

Cena 2: Em 1992, ocorreu em Presidente Prudente o IX Encontro Nacional de Geógrafos, e fui incumbida de buscar Mauricio Abreu no aeroporto. Ele era o representante da Geografia Humana no CNPq e já o tinha visto em vários eventos científicos, mas me perguntava se ele se lembraria de mim. Mal saiu da sala de desembarque, quebrou o gelo, apesar de seu jeito tímido, fazendo alguma referência à minha dissertação de mestrado, à qual ele tivera acesso quando passou meses levantando toda a produção da Geografia Urbana para fazer o excelente trabalho que apresentou no 1º Simpósio de Geografia Urbana, realizado em 1989, na USP. Naquele dia, enquanto nos dirigíamos à UNESP,

fui percebendo uma das grandes características do Mauricio pesquisador: sua preocupação com as fontes das ideias, com a datação delas, com a filiação teórica dos textos, pois ele continuou a se lembrar de várias dissertações e teses que levantara para atender à solicitação de Ana Fani Alessandri Carlos, responsável por aquele simpósio, de que ele fizesse uma análise sobre a produção relativa ao espaço urbano no Brasil. Durante o evento, fiquei surpresa com a forma enfática como Mauricio, ao longo de sua exposição sobre a Geografia no CNPq, estimulou os jovens doutores que o ouviam a enviar projetos aos editais dessa agência, a fazer propostas para bolsas de pesquisador, num período em que essas iniciativas não eram ainda tão frequentes na universidade e, supostamente, caberiam apenas aos *seniors*. Ele deixava as informações, assim, transparentes, e, de modo didático, destacava os cuidados que deveriam cercar essas iniciativas, em termos de preparação de bons projetos, cuidando para se construir uma representação positiva da nossa área de conhecimento, no grande campo das Ciências Humanas.

Cena 3: Em 1995, quando em estágio pós-doutoral em Paris, o reencontro com Mauricio me possibilitou guardar outras imagens dessa pessoa tão especial. Suas visitas ao nosso apartamento, em algumas noites de sábado, tinham aquele gosto bom de reencontrar nossos patrícios quando estamos em terras estrangeiras, mas também nos propiciava ver um lado mais alegre dele, pois, com a descontração carioca, que ele revelava em ocasiões festivas, falava sobre tudo, dava dicas e fazia sugestões para quem ainda estava vivendo a primeira experiência internacional, quando as dele já eram muitas. Dessas cenas, em Paris, guardei sua generosidade com os mais novos ou menos experientes, o que é um grande valor, quando, em ambientes acadêmicos, as hierarquias muitas vezes prevalecem.

Cena 4: No começo dos anos 2000, compus a Comissão da CAPES incumbida de avaliar os Programas de Pós-Graduação e, nesse ambiente de trabalho muitas vezes difícil, convivi por quatro anos com Mauricio Abreu. Durante o período em que ele foi o Coordenador da Comissão e eu, sua adjunta, a parceria foi grande, visto que tínhamos que organizar informações, preparar as reuniões, fazer visitas aos programas, compor o Qualis livros etc. Algumas vezes nos encontramos em Presidente Prudente para isso, outras no Rio de Janeiro ou em São Paulo, e em Brasília as reuniões foram muitas. Foi tempo suficiente para perceber o equilíbrio de Mauricio, sua capacidade de tratar as

tensões, sua forma sempre tão gentil de apresentar o contraditório. Ele sabia ser firme, sem jamais parecer radical.

Cena 5: Durante essa mesma década, convivemos no Grupo de Estudos Urbanos (GEU), no qual os debates sempre foram e são de qualidade e as polêmicas, contundentes. Nosso esforço coletivo em oferecer uma contribuição à Geografia Urbana foi, só vejo agora, em grande parte conduzido de modo silencioso por Mauricio. Num grupo em que alguns de nós falamos muito, ele usava com parcimônia sua voz, mas acompanhava com atenção, como seus olhos sempre calmos mostravam. Intervinha apenas para acrescentar uma ideia, para ponderar algum ponto que adensava o debate ou para propor uma saída consensual, quando tínhamos dúvidas se o “azul é melhor que o amarelo”. Dessas cenas tirei a conclusão de que se aparentemente ele era de opinar pouco, de fato, eram valiosos traços de sua personalidade, saber escutar e separar o essencial do secundário.

Cena 6: No começo de 2005, realizei meu concurso de livre docência. A banca tinha duas características: era muito qualificada e muito animada. Lá estiveram Ariovaldo, Zé da Silva, Arlete, Odette e Mauricio. Terminados os trabalhos, após a sequência de tantas provas, fizemos jus à comemoração que terminou já na madrugada do dia seguinte. Os dois últimos a deixar nossa casa foram Ariovaldo e Mauricio e, quando os deixei no hotel, ambos, cada um a seu modo, me dedicaram palavras de que não me esquecerei. Percebi naquela cena que, aparentemente tão diferentes, ambos tinham em comum serem nascidos em 18 de dezembro e um traço essencial: prestar atenção nas pessoas à sua volta.

Cena 7: Em fevereiro de 2008, Eliseu e eu fomos ao Rio de Janeiro, visitar Mauricio após a cirurgia realizada em agosto do ano anterior. Encontramo-lo consciente da dimensão do mal que o acometera e animado com o tratamento e as possibilidades de vencer a doença, falando da disciplina com que seguia as orientações médicas para sua recuperação. Na mesma tarde, fizemos o convite para um passeio a Petrópolis, o que ele aceitou de pronto, afirmando que agora dava maior valor às pequenas oportunidades, porque sua própria dimensão de tempo havia mudado muito. Os dois dias de viagem, em que tivemos também a companhia de Francisco, foram excelentes e Mauricio, além de nos propiciar momentos ótimos, foi mostrando em verdadeiras aulas seu olhar acurado a partir de uma perspectiva da Geografia Histórica. À medida que passeávamos

pelas cidades da serra tão prezada pela Família Imperial, ele nos chamava atenção para os usos do espaço, para os detalhes das edificações mais interessantes, para os documentos importantes nos museus que visitamos, sempre fazendo relações com os processos mais amplos. Experimentei o excelente professor que ele era.

Cena 1: Em alguma noite de 2004, em Brasília, após um dos jantares que sucediam os dias de trabalho na CAPES, Mauricio contou uma experiência que vivera no III Encontro Nacional de Geógrafos, ocorrido em Fortaleza, em 1978. Ele relatava que compunha a mesa redonda em que estava Milton Santos, justamente na ocasião de seu retorno ao Brasil após o exílio no exterior. É possível imaginar o quanto o anfiteatro estava cheio. Ele lembrou com detalhes essa experiência e contou como estava ansioso por dividir aquele espaço com Milton, que o considerou jovem demais para as circunstâncias. Naquele mesmo dia e horário, eu estava na sala ao lado, praticamente vazia (como ter público com Milton Santos falando no mesmo horário?), fiz minha primeira apresentação em evento científico o mais rápido que pude, para me deslocar para o anfiteatro. Ali vi, pela primeira vez, Milton Santos ao vivo e, ao lado, um jovem, muito jovem, que somente muitos anos depois, no dia deste relato, vim a associar com Mauricio. Pela primeira vez, houvera uma cena entre nós, sem que, evidentemente, tivéssemos nos dado conta disso. Era impressionante, para mim, ver a forma calma como expunha e respondia aquele jovem, com base em sua formação doutoral recente na Universidade de Ohio, nos Estados Unidos, no período da Nova Geografia, quando todo o auditório desejava outras perspectivas teórico-metodológicas. Guardo dessa cena a atitude firme e respeitosa de Mauricio diante das diferenças.

Outras tantas cenas vivi, como viveram todos que tiveram a boa chance de compartilhar sua amizade. As cenas continuarão a dançar em nossas memórias para fazer de conta que Mauricio ainda está entre nós, porque de um certo modo ele ainda está mesmo.